

Meio ambiente escolar e a influência no desenvolvimento do indivíduo portador do Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)

Silvana Paulina de Souza¹

Observando o desenvolvimento de crianças em idade escolar na faixa dos seis aos dez anos, é possível perceber a relação da organização intencional do ambiente pedagógico com o envolvimento dos sujeitos nas atividades da sala de aula. Em pesquisa realizada para a obtenção do título de mestre, pude observar como o ambiente organizado intencionalmente reflete na apropriação e internalização dos conhecimentos historicamente produzidos. O contexto pedagógico pode se tornar um mediador dos processos de ensino e aprendizagem e, motivado, o aluno sente a necessidade de participar do processo de construção do seu conhecimento. Durante a pesquisa, foi possível perceber a reação dos alunos considerados inquietos que, em outras turmas ou outros contextos, demonstravam dificuldades de concentração e envolvimento nas tarefas propostas. Quando solicitados a participar da organização do contexto e da elaboração do processo, incluindo os instrumentos mediadores, estes alunos demonstravam tolerância, eram colaborativos e produtivos.

Diante do exposto, a hipótese deste artigo é de que, quando o ambiente de ensino e aprendizagem proporciona ao aluno motivação e desperta nele a vontade de produzir conhecimento e dele se apropriar, é possível que haja o desenvolvimento. O objetivo, então, é levantar hipótese sobre o favorecimento do contexto potencializador da aprendizagem ao desenvolvimento do portador deste transtorno, a partir de leituras sobre o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Como suporte teórico para esta discussão, utilizei textos de Luria (1987), Vygotski (1994), Vigotskii, Luria e Leontiev (1998), Beatòn (2005), como referência para a discussão sobre o TDAH me pautei em: Graeff e Vaz (2008), Pastura, Mattos e Araújo (2005).

A pesquisa bibliográfica será a metodologia utilizada para a realização do estudo. Este artigo se justifica pela preocupação dos profissionais da educação em atender crianças com comportamentos considerados inadequados ao ambiente de sala de aula e o fracasso frente a situações que envolvem crianças com TDAH. Visa, neste

¹ Aluna do curso de Pós-Graduação em Educação – Doutorado – Unesp – Marília/SP , sob orientação da Prof^a Dr^a Cyntia Graziella Guizelim Simões Giroto.

sentido, uma reflexão sobre a forma como são organizadas e conduzidas experiências pedagógicas em sala de aula, inclusive as direcionadas às crianças com transtornos assim como sobre a organização do espaço pedagógico como mediador das ações de ensino e aprendizagem.

Introdução

Durante minha atuação como profissional da educação nas mais diferentes áreas e setores, havia uma preocupação com o encaminhamento das tarefas pedagógicas para haver envolvimento de toda a turma ou pelo menos de grande parte dos alunos. Como educadora na área de Arte, havia sempre um aluno que, talvez pela carga liberal da disciplina, decidia dizer: “não sei fazer!”, “não quero fazer!”, “não gosto de realizar tal tarefa!” e ainda, “estou cansado!” e “não posso ficar parado agora?”. Estas observações me incomodavam, mas elas eram, ao mesmo tempo, um combustível para que eu encontrasse uma maneira de envolver aquele aluno para desenvolver a tarefa e dela participar motivado.

Assumindo turmas de Ensino Fundamental – Primeiro Ciclo e Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebi que a necessidade de envolvimento dos alunos nas tarefas pedagógicas de forma significativa era uma grita dos alunos em todas as áreas da educação formal. Assim, passei a pesquisar uma forma de me orientar para compreender esta reivindicação dos alunos. Neste contexto de vivências no ambiente escolar, deparei-me com três momentos de reflexão que impulsionaram a busca para eu mediar o desenvolvimento dos alunos de forma que os processos de ensino e aprendizagem pudessem seguir caminhos a levá-los à apropriação do conhecimento.

Durante a preparação de um conteúdo de Educação Artística, assisti ao filme “Alice no País das Maravilhas”. Em seu diálogo com o gato, ela pergunta qual o caminho ela deve seguir, o gato quer saber para onde ela deseja ir. Ela, por sua vez, responde que não sabe. Ele replica: “Então, qualquer caminho serve”. Pensei durante muito tempo neste diálogo e fui até o livro para confirmá-lo.

_Por favor, pode me dizer que caminho devo tomar para sair daqui?

- perguntou Alice.

- Isso depende muito de onde você quer ir - respondeu o gato.

- Isso pouco importa - disse Alice.

- Então não importa que caminho você tome.

O segundo momento foi durante a reflexão sobre os caminhos a serem tomados para mediação dos processos pedagógicos de maneira significativa. Foi então que recebemos da prefeitura uma camiseta com versos do poema de Thiago de Mello: “*Quem sabe onde quer chegar, escolhe o caminho certo e o jeito de caminhar*”. Estas palavras ressoavam e eu pensava, mas eu sei aonde quero chegar, preciso encontrar o caminho.

Todos estes estímulos à reflexão sobre a prática pedagógica nortearam minha pesquisa de mestrado cujo título é: *A organização do trabalho pedagógico no contexto das atividades de leitura e de escrita*.

Ao reconhecer que há caminhos a serem seguidos, coloquei-me a estudar as diferentes proposições das várias teorias. Encontrei em Vygotsky (1994) os elementos que puderam me orientar para seguir a busca de caminhos que levam ao desenvolvimento da criança em idade escolar por meio de ações potencializadoras em sala de aula.

No texto “A questão do meio na Pedologia” (2010), o autor apresenta o quanto é significativo o entorno² onde a criança vive as suas experiências emocionais. As vivências é uma unidade da teoria do “entorno”. Nele

... há características ambientais, situacionais e pessoais. Todos os elementos e fatores significativos se relacionam com a personalidade do indivíduo em um dado acontecimento, de maneira indivisível. A experiência emocional contribuirá na seleção de características que intervêm na determinação da atitude frente a uma situação. (SOUZA, 2009, p. 47)

No referido texto, são apresentadas três crianças que vivem num ambiente doméstico e participam das mesmas situações que envolvem a mãe alcoólatra. O reflexo dessas situações nas experiências emocionais de cada criança determina seus comportamentos. O contexto é fonte de desenvolvimento para o indivíduo.

² O entorno é compreendido como fonte de desenvolvimento porque permite que a criança estabeleça com ele as relações pelas quais realiza suas atividades. É composto por objetos, vivências, experiências emocionais, organizada pelos significados, pelos elementos e pelas relações físicas e psicológicas que o envolvem durante seu desenvolvimento e sua aprendizagem.

Para a Teoria histórico-cultural, mesmo que os elementos materiais do entorno sofram poucas modificações, o processo de desenvolvimento da criança e as conexões por ela estabelecidas provocam mudanças e, conseqüentemente, alterações nas suas relações com o meio. Assim, qualquer acontecimento ou situação no ambiente de uma criança surtirá um efeito diferente nela. Várias situações podem ser utilizadas como exemplo para referendar afirmações como: morte de um ente da família, separação dos pais, entre outras. (SOUZA, 2009, p. 46)

A discussão proposta por Vigotsky aborda o papel do contexto no desenvolvimento da criança, mediante o estudo das relações que existem entre essa e seu entorno. O texto alerta para a observação de que o fator “contexto” varia de acordo com a idade. O acontecimento de mesma coisa em idades diferentes terá também uma compreensão diferente. É possível entender a influência do contexto, se estudarmos a relação da criança com ele, seu papel e a influência do meio ao longo do desenvolvimento infantil.

Para esse autor, o estudo da criança

... deverá sempre saber encontrar aquele prisma que reflete a influência do meio na criança, isto é, a pedologia deverá saber encontrar a relação existente entre a criança e o meio, a vivência da criança, isto é, de que forma ela toma consciência e concebe, de como ela se relaciona afetivamente para com certo acontecimento. (VIGOTSKI, 2010, p. 686).

No cotidiano da sala de aula é necessário encontrar o prisma. Ele ajudará o professor a compreender e fazer adequações ligadas ao conteúdo a ser estudado e suas estratégias de apresentação para os diferentes indivíduos na sala de aula.

Na situação que envolve as relações de ensino e aprendizagem do indivíduo com transtorno é preciso considerar as dificuldades de funcionamento adaptativo às situações cotidianas. A dinâmica da sala de aula deve levar em conta a organização espacial; a clareza das orientações; a organização do aluno e o monitoramento do tempo cronológico para a execução das tarefas a fim de ser capaz de manter uma sequência de informações na mente do aluno, muitas vezes prejudicada pelo distúrbio. Ou seja, o meio em conjunto com outros elementos são motivadores.

De maneira mais reduzida e simples, eu poderia dizer que a influência do meio no desenvolvimento da criança será avaliada juntamente com demais

influências, bem como com o nível de compreensão, de tomada de consciência, da apreensão daquilo que ocorre no meio. (VIGOTSKI, 2010, p. 688)

Alguns indivíduos, porém, apresentam dificuldades específicas em relação ao processo de aprendizagem, comprometedoras do desempenho escolar. A criança com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade, com a característica da dificuldade em manter o foco da atenção, o controle da impulsividade e de comportamentos, por exemplo, precisa de estímulos relevantes para aprendizagem. ()

O espaço deve compreender elementos motivacionais colaboradores com o desenvolvimento da criança. Além das estratégias metodológicas para o envolvimento do aluno à realização das ações e para que estas se tornem significativas é necessário promover ambientes potencializadores e estratégias motivadoras. Porém, elas podem não contribuir com o desenvolvimento do educando se não houver uma investigação por parte do educador para reconhecer o domínio de conceitos básicos. Os conhecimentos adquiridos não podem estar distantes das novas objetivações. Mesmo porque o indivíduo portador de TDAH não possui capacidade mental limitada. Todavia, como todo aluno, este também precisa possuir conhecimentos prévios. A tarefa do professor mediador é estar sempre atento às suas necessidades.

A popularização dos sintomas de TDAH com informações não muito claras pode levar a uma ação apressada dos profissionais da educação. Este imediatismo não permite a busca de alternativas para o envolvimento do educando nas atividades em sala de aula. Há um prejuízo muito grande para todo o grupo, não somente para criança envolvida.

Segundo Greff e Vaz (2008) o TDAH é uma patologia caracterizada pela agitação, inquietude e dificuldade da criança em manter a atenção. Elas são comumente descritas como desatentas, barulhentas e desinteressadas. Estas características podem confundir um profissional se por ventura o contexto em que se desenvolvem as atividades pedagógicas não é motivador. Isto também pode acarretar baixo rendimento escolar.

Atualmente, os profissionais da educação sentem a necessidade de utilizar estratégias que prendam a atenção de todos os alunos. O aluno com TDAH tem dificuldade de permanecer focado em uma única tarefa por um período de tempo prolongado. Porém segundo os autores citados, “(...) muitas crianças com essa patologia

são capazes de se manter atentas por um certo período de tempo. Situações em que existe alguma novidade para a criança, algo de alto valor de interesse, intimidação na qual ela esteja a sós com um adulto (...)” (GREFF E VAZ, 2008, p. 344). Seguem dizendo que “A hiperatividade não é constante nas crianças portadoras do TDAH, pois, algumas vezes, elas podem ficar quietas em situações novas, fascinantes, um pouco assustadoras ou quando estão a sós com alguém.” (GREFF E VAZ, 2008, p. 345).

Com base nesta declaração retomo a hipótese deste estudo. O ambiente pedagógico organizado intencionalmente pode contribuir até para o desenvolvimento do indivíduo com TDAH, ao considerar que a lei geral de desenvolvimento. Esta consiste no fato das funções psicológicas superiores, as propriedades específicas do homem, surgirem coletivamente a partir da cooperação com outras pessoas, com os instrumentos culturais e sociais para só depois se tomar para si.

Se a consciência esta relacionada às formações psíquicas inferiores e superiores e formação de conceitos (VIGOTSKII, in VIGOTSKII, LURIA e LEONTIEV, 1998), a citação de Luria respalda o pensamento de que há possibilidade de que a organização intencional do ambiente possa contribuir para ao desenvolvimento do indivíduo com distúrbios.

“A consciência nunca foi um “estado interior” primário da matéria viva; os processos psicológicos surgem não do “interior” da célula viva, mas em suas relações com o meio circundante, na fronteira entre o organismo e o mundo exterior, e ela assume as formas de um reflexo ativo do mundo exterior que caracteriza toda a atividade vital do organismo.” (LURIA, in VIGOTSKII, LURIA e LEONTIEV, 1998, p. 194)

Na criança a generalização é constituída a partir do que ela já encontra pronto. Assimila a língua e o significado da palavra na relação com o outro, instrumentalizada pela língua materna. No meio em contato com outras pessoas o indivíduo aplica a linguagem para construção de seus processos internos. Na construção do significado das palavras para as crianças que não coincide com significado que tem para o outro. Para Vigotsky o meio desempenha o papel de fonte de desenvolvimento.

O que isso significa? Antes de tudo, isso indica algo muito simples, indica que se no meio não há forma ideal correspondente e o desenvolvimento da criança, por força de quaisquer motivos, toma seu curso sem perpassar essas características específicas, sobre as quais já lhes falei, ou seja, sem interagir

com a forma final, então a forma correspondente na criança também não se desenvolve até o fim. (VIGOTSKI, 2010, p. 695)

Com relação ao transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é fundamental o conhecimento e apropriação do maior volume possível de informações sobre o TDAH para o profissional da Educação. O conhecimento permitirá a compreensão da repercussão na vida do indivíduo. É certo que uma das dificuldades de diagnóstico é a não existência de testes físicos, neurobiológicos ou psicológicos que vão realmente atestar a existência do transtorno no indivíduo, além das crianças ficarem quietas durante as consultas (GRAEFF E VAZ, 2008). Há necessidade da troca entre os profissionais de saúde para um diagnóstico.

Porém, segundo Luria se “... parte do cérebro for destruída, o sistema funcional transforma-se plasticamente no sentido de superar a dificuldade e trabalha diferentemente.” (LURIA, in VIGOTSKII, LURIA e LEONTIEV, 1998, p.202). Segue dizendo:

Em todos os casos, um paciente parcialmente privado de informação recebida na entrada ou com deterioração dos impulsos eferentes da saída pode facilmente compensar suas deficiências com o auxílio das zonas corticais intactas, por meio de reorganização funcional do sistema ou por meio da substituição do sistema que não está funcionando por outro intacto. (LURIA, in VIGOTSKII, LURIA e LEONTIEV, 1998, p.205).

Para estas situações, os instrumentos que permitem o acesso ao conhecimento de forma significativa reforçam a possibilidade do indivíduo na superação de dificuldades. As estratégias de leitura, por exemplo, podem se tornar uma ferramenta que possibilitaram um trabalho de contextualização dos conteúdos por meio de materiais e vivências, a fim de desenvolver ações concretas e significativas, relacionadas às situações práticas e às vivências dos alunos.

Considerações Finais

VYGOTSKY, L.S. The problem of the environment. In: VAN DER VEER, R. e VALSINER, J. *The Vygotsky Reader*. Oxford: Cambridge: Blackwell, 1994

